

## Laboratório de Ensino

### “Interpretação dos Sonhos” (1900)

#### Relato e análise de um sonho: a monografia botânica

Gabriel Louis Magalhães Galliza (Graduado em Psicologia pela UFF-Niteroi. Integrante do Projeto “Ensino e transmissão dos conceitos fundamentais da psicanálise, da teoria da clínica psicanalítica e dos desafios de sua prática na contemporaneidade”, no Instituto de Psicologia da UFF-Niteroi)

Flavia Lana Garcia de Oliveira (Professora Adjunta do Instituto de Psicologia da UFF-Niteroi. Coordenadora do Projeto “Ensino e transmissão dos conceitos fundamentais da psicanálise, da teoria da clínica psicanalítica e dos desafios de sua prática na contemporaneidade”)

Este sonho é apresentado por Freud no Capítulo V do texto fundador da psicanálise, *Interpretação dos Sonhos* (FREUD, 1900/2019), como evidência clínica de que os sonhos se servem de traços de memória que se referem ao dia anterior ao sonho, os chamados restos diurnos. Em seguida, no Capítulo VI, o mesmo é retomado para sustentar a afirmação de que, durante o trabalho do sonho, os pensamentos oníricos são condensados em elementos que os representam no sonho manifesto. Assim, a análise desse sonho nos ensina sobre a apreensão dos restos diurnos pela memória inconsciente, e como esses traços são elaborados para servir ao propósito de realização alucinatória de um desejo.

Vamos agora ao relato onírico para apreender, através de sua análise, as consequências que Freud extrai de seu sonho.

*Conteúdo do sonho: Escrevi uma monografia sobre uma planta (de espécie indeterminada). O livro está diante de mim, estou abrindo uma página com uma ilustração colorida dobrada. O exemplar contém um espécime da planta* (FREUD, 1900/2019, p. 322).

A análise do sonho começa com a lembrança de uma vivência irrelevante que é reproduzida no conteúdo do sonho: “Naquela manhã, vi na vitrine de uma livraria um livro novo, intitulado: *O gênero dos ciclames* — evidentemente uma monografia sobre essa planta” (FREUD, 1900/2019, p. 204). Então um emaranhado de pensamentos latentes decorre do elemento *monografia botânica*.

Enquanto resto diurno, “*o gênero dos ciclames*”, esse elemento se liga diretamente às

flores preferidas da esposa de Freud. Ele se arrepende de não levar para ela flores com frequência. Destaca-se o tema “*trazer flores*” que remete à história da Sra. L., cujo marido esqueceu as flores que costumava lhe trazer na data de seu aniversário. Esta senhora, que fora paciente de Freud, encontrou sua esposa dois dias antes do dia do sonho.

Por outro lado, “*monografia botânica*” remete a temas de um passado mais distante da história do sonhador. Freud havia de fato escrito um ensaio sobre uma planta, a cocaína, que foi introduzida como forma de anestesia por Freud, o Dr. Königstein e o Dr. Koller. Essas três pessoas estavam reunidas na operação do pai de Freud adoecido com glaucoma.

A partir dessa associação, Freud se pergunta quando foi a última vez que pensou nessa história da cocaína. Isso ocorreu alguns dias antes, quando recebeu uma publicação festiva, e nesta constava uma menção da descoberta da característica anestésica da cocaína pelo Dr. Koller.

Essa lembrança é um elo intermediário entre dois pontos nodais do pensamento onírico que foram representados a partir de restos diurnos. O elemento “*monografia botânica*”, que se assenta em uma vivência irrelevante, e “*a conversa interrompida com o Dr. Königstein*”, que agitou os sentimentos de Freud no dia do sonho. A associação se dá através do encontro com o professor *Gärtner* – que significa literalmente “jardineiro” – e sua esposa de aparência *florescente*, que interromperam a conversa ao se juntarem a eles. O professor Gärtner é um dos autores da publicação festiva. Além disso, a associação parece ser feita relacionando os diferentes colegas de Freud, que estariam ligados a um dos temas abordados na conversa, a remuneração de serviços médicos entre colegas, de relevância para a formação do sonho.

A análise se desloca para outros elementos do sonho, buscando seus determinantes. Incluído na monografia há “*um espécime da planta*”, como se fosse um herbário. Isso remete a uma lembrança do ensino médio, quando certa vez, Freud foi encarregado de limpar um herbário tomado por traças. Eram plantas da ordem *Cruciferae*, tais como a que Freud precisou identificar em um exame botânico e não reconheceu, mas foi acudido por seus conhecimentos teóricos. As crucíferas levam às compostas, mais precisamente à alcachofra, *sua flor preferida*, que sua esposa, diferentemente dele, sempre lhe traz do mercado.

Há “*uma ilustração colorida dobrada*”, que se associa ao impulso de querer estudar apenas *monografias*, quando era estudante de medicina. Essa meticulosidade se manifestou também quando ele mesmo começou a publicar e teve que desenhar as ilustrações para

seus escritos, mas um de seus desenhos ficou tão ruim que um colega zombou dele. Junta-se a isso uma lembrança de infância. Certa vez, quando tinha cinco anos, seu pai lhe deu um livro com *ilustrações coloridas* para que desmembrasse folha por folha, como uma *alcachofra*. Mais tarde, ele viria a se tornar uma “*traça*”, um devorador e colecionador de livros, apaixonado por monografias. Mas desde cedo descobriu que as paixões levam ao sofrimento. Aos dezessete anos acumulou uma dívida a um livreiro que não possuía meios de quitar. Esse acontecimento liga-se novamente à figura de seu pai. Essa lembrança associa-se à conversa com o Dr. Königstein, quando falou sobre as mesmas recriminações, que costuma ceder demais às suas paixões.

Essa primeira investigação, a partir das associações do sonhador, demonstra como os elementos do sonho representam, por condensação, vários pensamentos oníricos servindo-se de restos diurnos do dia do sonho. A “*monografia botânica*” do sonho exerce a função de algo em comum e intermediário entre as duas vivências do dia, tomada da impressão indiferente sem alterações e ligada à vivência psicologicamente relevante por meio de numerosas associações” (FREUD, 1900/2019, p. 323). Esse elemento condensa as duas vivências recentes e representa ainda lembranças do passado, bem como algum aspecto relativo ao desejo do sonhador. Percebe-se como se destaca a palavra em sua dimensão significativa, isto é, despojada de seu significado *a priori*, reconhecido e compartilhado, mas com um lugar na história pessoal do sujeito:

os elementos ‘botânico’ e ‘monografia’ foram acolhidos no conteúdo do sonho porque apresentam o maior número de pontos de contato com a maioria dos pensamentos oníricos, ou seja, porque representam pontos nodais em que muitos pensamentos oníricos se encontram, por terem *vários sentidos* no que toca à interpretação do sonho. Podemos expressar o fato subjacente a essa explicação também de outra forma: cada elemento do conteúdo do sonho se revela como *sobredeterminado*, como representado várias vezes nos pensamentos oníricos (FREUD, 1900/2019, p. 324).

A “*monografia botânica*” é um resto diurno que se manifesta no sonho como uma imagem que condensa uma série de pensamentos, servindo como alusão de modo a cifrar o sonho a favor da censura. Não apenas pode ser tomado como um significante, representando vários sentidos, mas pode ser separado em dois significantes distintos: “*monografia*” e “*botânica*”, que por sua vez propiciam novas associações. Por exemplo, à *monografia* liga-se a paixão por livros, e o nome do professor *Gärtner* e a paciente *Flora* mencionada na conversa se associam à *botânica*.

No sonho da monografia botânica, por exemplo, o ponto central do conteúdo do sonho é, evidentemente, o elemento 'botânico'; os pensamentos oníricos tratam das complicações e conflitos resultantes das obrigações profissionais entre colegas; em seguida, da recriminação de que costumo fazer sacrifícios demais por minhas atividades prediletas; e nesse núcleo dos pensamentos oníricos o elemento 'botânico' não tem lugar, se não estiver frouxamente ligado a eles por um contraste, pois a botânica jamais ocupou um lugar entre meus estudos prediletos (Freud, 1900/2019, p. 347).

Assim sendo, "*botânica*" é um fragmento do mundo externo que aparece como elemento do sonho e aponta para o impasse em relação ao desejo que o sonho satisfaz. As demais representações do sonho e as associações que eles suscitam remetem a um campo lexical relativo a esse elemento, evidenciando seu papel central no sonho.

O sonho volta a ter o caráter de uma justificação, de uma defesa de mim mesmo, como já o primeiro sonho analisado da injeção de Irma; sim ele prossegue o tema ali iniciado e o analisa com base em material novo, acrescentado no intervalo entre os dois sonhos. Até mesmo a forma de expressão aparentemente indiferente recebe então uma ênfase. Diz: 'Eu sou o homem que escreveu o trabalho valioso e bem-sucedido (sobre a cocaína)', semelhante à justificativa de então: 'Sou um estudante dedicado e competente'; em ambos os casos, portanto: 'Eu tenho o direito de me permitir isso' (FREUD, 1900/2019, p. 209).

Com essa análise de uma formação onírica, podemos apreender de que maneira o trabalho do sonho se serve de restos diurnos relevantes ou irrelevantes para elaborar e satisfazer algo do desejo inconsciente através de uma forma de cifragem, a condensação.

FREUD, S. (1900). **A Interpretação Dos Sonhos (1900)**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, v. 4.